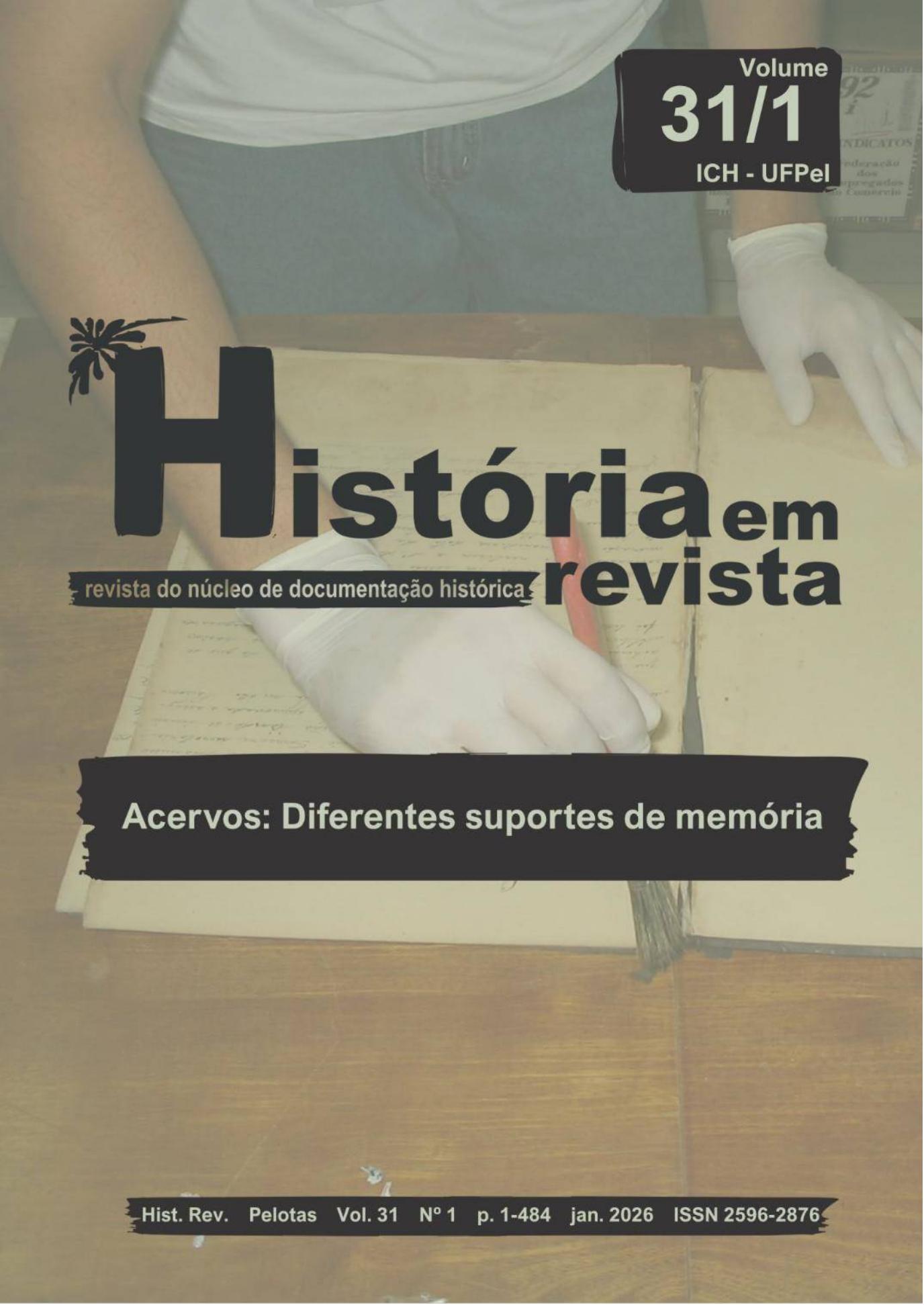


Volume
31/1

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Acervos: Diferentes suportes de memória

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Mauricio Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*

Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*

Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendente de Gestão da Informação e Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: *Vinícius Farias Campos*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*

Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

Núcleo de Documentação História da UFPel -**Profa. Beatriz Loner**

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristedu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista - Publicação do Núcleo de Documentação Histórica - Profa. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristedu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

Profa. Dra. Márcia Janete Espig

Prof. Dr. Jornas Vargas

Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile

Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa

Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)

Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)

Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)

Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)

Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)

Profa. Dra. María Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)

Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Ma. Ângela Beatriz Pomatti (Museu de História da Medicina do RS), Dra. Lorena Almeida Gill (NDH-UFPel) e Dra. Véra Lúcia Maciel Barroso (Arquivo Histórico do CHC - Centro Histórico-Cultural Santa Casa Porto Alegre)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Trabalho de higienização de acervo do NDH-UFPel. Fonte: Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Pareceristas ad hoc: Dra. Adriana Fraga da Silva (FURG); Dra. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS); Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM); Dra. Cassia Silveira (UFRGS); Dr. Charles Monteiro (PUCRS); Dra. Cíntia Vieira Souto (UFRGS/MP-RS); Dra. Claudira do



UFPEL



Socorro Cirino Cardoso (Secretaria de Educação do Pará); Dr. Cristiano Henrique de Brum (FIOCRUZ); Dra. Daiane Brum Bitencourt (UFRGS/PUCRS); Dr. Daniel Luciano Gevehr (FACCAT); Dra. Daniele Gallindo (UFPEL); Dra. Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ); Dra. Jaqueline Hasan Brizola (FIOCRUZ); Dra. Letícia Brandt Bauer (UFRGS); Dra. Maíra Ines Vendrame (UFPEL/UFJF); Dra. Márcia Regina Bertotto (UFRGS); Dr. Marcos Witt (Instituto Histórico de São Leopoldo - RS); Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UFSC); Dra. Mariseti Cristina Soares (UFT); Dra. Mariluci Cardoso Vargas (PNUD/MDHC/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos); Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UFPEL); Dr. Rejane Silva Penna (Arquivo Histórico do RS); Dra. Rosane Marcia Neumann (FURG/UNIPLAC); Dr. Tiago da Silva Cesar (UFRPE/UNICAP); Dr. Willian Junior Bonete (UFPEL)

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite

Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böttge

Seção de Produção

Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böttge

Catalogação – Madelon Schimmelpfennig Lopes

Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böttge

Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueiredo Alves, Alicie Martins de Lima (Bolsista)

Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube

Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/1
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-

770

Fone: (53) 3284 3208

Disponível em

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonneve – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPEL

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Acervos : Diferentes suportes de memória) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.1, jan. 2026. – Pelotas: UFPEL/NDH, 2026 – 484 p. ; 18,1 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Museus

CDD: 907



Filiada à ABEU

O ACERVO COMO PONTO DE PARTIDA: O MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA (MUHM) COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO-FORMAL

THE COLLECTION AS A STARTING POINT: THE MUSEUM OF THE HISTORY OF MEDICINE (MUHM) AS A NON-FORMAL EDUCATIONAL SPACE

Everton Reis Quevedo

Doutor em História (UNISINOS), mestre em Museologia e Patrimônio (UFRGS), doutorando em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL). Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: saúde pública – medicina; lepra (hanseníase); instituições hospitalares e da assistência; saneamento urbano; educação; educação e história; educação e museus, museus, acervos, patrimônio histórico-cultural.

E-mail: evertonquevedo@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-9588-1980>

Gláucia Giovana Lixinski de Lima Kulzer

Mestra em História (UNISINOS), historiadora (UNIFRA), pedagoga (UNITER; MUHM – Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul). Tem experiência na área de História Regional e do Brasil, e nos seguintes temas: História da Saúde, da Medicina, Institucional, História Oral, da Educação, com ênfase em educação em Museus, Memória e Patrimônio. História agrária, hierarquias sociais, história da família.

E-mail glaucia.lixinski@gmail.com

Resumo. Espaços educativos não formais, como bibliotecas, arquivos, museus, sítios arqueológicos e paleológicos, centros culturais, parques, praças, ruas, avenidas, igrejas e até mesmo cemitérios e canteiros de obras, tornam-se importantes locais onde é possível desenvolver ações educativas e socializadoras. Isso evidencia aos educandos o funcionamento da sociedade *in loco* e contribui para a formação do indivíduo nos quesitos cidadania e emancipação social. Tendo em vista a necessidade de interação sociocultural da espécie humana, a professora e o professor certamente são peças fundamentais, o que exemplifica a importância da mediação no processo de aprendizagem e desenvolvimento em qualquer modalidade de ensino. A proposta, assim, pretende explorar o acervo de uma instituição museológica e seu uso para ações educativas realizadas ou não nas dependências do museu, refletindo sobre a educação patrimonial e sua função social.

Palavras-chave. Acervos. Museus. Espaço educativo. Educação não formal.

Abstract. Informal educational spaces, such as libraries, archives, museums, archaeological and paleological sites, cultural centers, parks, squares, streets, avenues, churches, and even cemeteries and construction sites, become important places for developing educational and socializing activities, demonstrating to students how society functions *in situ*, thus contributing to the individual's development for citizenship and social emancipation. Given the human species' need for sociocultural interaction, teachers are certainly fundamental, exemplifying the importance of mediation in the learning and development process in any educational modality. The proposal, therefore, aims to explore the collection of a museum institution and its use for educational activities, whether carried out on museum premises or not, reflecting on heritage education and its social function.

Keywords. Collections. Museums. Educational space. Non-formal education.

Espaços educativos não formais

Toda professora e todo professor, independentemente do ambiente em que desenvolve suas práticas pedagógicas e que deseja ser mediadora ou mediador, deve ter uma postura diferenciada no sentido de favorecer a aprendizagem do aluno, visando a enriquecer suas habilidades essenciais e a superar as dificuldades que possam ocorrer.

[...] modificar o desafio cognitivo conforme o nível de compreensão do educando, escolhendo o material adequado; criar ambiente agradável e organizado; preferir perguntas que levem à reflexão; estimular a criatividade; modificar a posição, a expressão facial, o nível de inflexão da voz, para dar significado ao trabalho; encorajar o aluno a buscar e encontrar relações complexas durante as atividades; apresentar tarefas não convencionais; possibilitar que o aluno esteja ciente dos seus avanços; formular objetivos levando em conta o interesse e a auto percepção dos alunos; conscientizar os alunos da sua capacidade de aprendizagem e desenvolvimento, auxiliando-os na conquista da autonomia; possibilitar que avaliem seus próprios trabalhos (Volquind, 1999, p. 141).

Nesse sentido, os espaços educativos não formais, como bibliotecas, arquivos, museus, sítios arqueológicos, centros culturais, parques, praças, ruas, avenidas, igrejas e até mesmo cemitérios e canteiros de obras, tornam-se importantes locais onde é possível desenvolver ações educativas e socializadoras, evidenciando aos educandos o funcionamento da sociedade *in loco*. Além de contribuir com a formação do indivíduo para a cidadania e para sua emancipação social. Dessa forma, considera-se também que o educador é o “outro”, ou seja, aquele com quem interagimos e/ou nos integramos. Tendo em vista a necessidade de interação sociocultural da espécie humana, a professora e o professor certamente são peças fundamentais, o que exemplifica a importância da mediação no processo de aprendizagem e desenvolvimento em qualquer modalidade de ensino (Rego, 1995).

315

A educação brasileira, de modo geral, configura-se no ambiente escolar regular, ou seja, na “educação formal”, onde os alunos vivenciam aprendizados sistemáticos, programados e embasados em metodologias específicas. Na educação formal, destacam-se as questões relativas ao ensino e à aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, regulamentados e normatizados por leis, dentre as quais a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. De acordo com essa lei, de 1996, a escola objetiva formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, como a criatividade, a percepção, a motricidade.

[...] a educação formal - requer tempo, local específico, pessoal especializado. Requer a normatização das formas de organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, tempos de progressão, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. (Gohn, 2010, p. 18).

Por óbvio, concordamos que a escola é a detentora legítima desse processo e a defendemos como local basilar para o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, queremos apontar que outros espaços, especificamente os museus, podem e devem ser também utilizados, atuando como um apoio significativo na construção de uma sociedade justa.

A escola é importante, mas não é o único ambiente que auxilia no processo de formação, e, portanto, não podemos desvincular o que ocorre fora da escola, no ambiente familiar e cultural onde o aluno se encontra. A educação é um processo constante, sendo resultado das instituições e das relações sociais (D'Ávila, 2016, p. 22).

Dessa forma, acreditamos que a criança ou o adolescente que participa de atividades em um espaço não escolar, ou seja, não formal, expande sua área de conhecimento.

[...] A educação não-formal não é organizada por séries/idade/conteúdos, atua sobre aspectos subjetivos do grupo, trabalha e forma sua cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento, ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (Gohn, 2010, p. 18).

316

Ainda segundo Gohn (2010), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, abriu caminho institucional aos processos educativos que ocorrem em espaços não formais ao definir a educação como aquela que abrange “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Gohn, 2010, p. 11).

A finalidade da educação não formal é capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Abrindo-lhes janelas de conhecimento sobre tudo o que os circunda e suas relações sociais. Seus objetivos se constroem no processo interativo, gerando uma metodologia educativa. Um modo de educar é construído como resultado do processo voltado para os interesses dos que participam.

Mediar a informação e a formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal, pois a construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes em um dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. Prepara também a formação e a produção dos saberes nos cidadãos, “educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, ao individualismo” (Gohn, 2010, p. 19).

Para tanto, D'Ávila (2016) reforça que, com a educação não formal, existe uma maior liberdade para ensinar e aprender, o que facilita o atendimento às necessidades individuais, que são naturais de cada ser humano. A autora, para exemplificar, cria o

O acervo como ponto de partida: o Museu de História da Medicina (MUHM) como espaço educativo não-formal

seguinte esquema, apresentando as mais diversas vantagens das atividades educacionais realizadas de maneira não formal.

Figura 1. Esquema apresentando as vantagens das atividades educacionais realizadas de maneira não formal



Fonte. D'ÁVILA, Sthefane; QUADRA, Gabrielle Rabello. Educação não-formal: qual a sua importância? In: *Revista Brasileira de Zoociências*, 17(2), p. 22-27, 2016.

O Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

O Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) iniciou suas atividades em 2004, através do projeto de entrevistas com médicos da capital e do interior do Rio Grande do Sul (RS), vinculados ao Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS)¹. Seu objetivo era registrar a memória e a trajetória desses profissionais

¹ O Sindicato Médico do Rio Grande do Sul, mantenedor do museu, foi fundado em 20 de maio de 1931, surgindo como uma reação a um conceito vigente nas primeiras décadas do século XX, que se chamava "liberdade profissional", uma concessão da lei que permitia a prática da Medicina por pessoas que não tinham estudo acadêmico nem mesmo uma formação técnica adequada. O combate à "liberdade profissional" pressionou os poderes públicos, que, durante o governo provisório de Getúlio Vargas, aprovaram a lei que regulamentou o exercício da Medicina (Decreto n° 20.931, de 11 de janeiro de 1932).

no estado. Tendo em vista a boa aceitação da comunidade médica em participar das entrevistas, a partir de 2005 foi iniciada a formação do acervo, cuja temática então, tratava da história da medicina e das práticas de saúde do Rio Grande do Sul. Tal acervo é formado através de doações de médicos, familiares destes ou de instituições médicas da capital e do interior.

Ainda foram realizadas duas exposições com essa proposta inicial: “A formação da Medicina no Rio Grande do Sul”, realizada no Memorial do Rio Grande do Sul e em cidades do interior, e a “Mostra do Acervo”, realizada também de forma itinerante e exposta em várias cidades do estado. O objetivo dessas exposições era evidenciar a possibilidade de narrar a história do Rio Grande do Sul a partir da temática “medicina”, bem como divulgar a iniciativa e conscientizar os médicos e seus familiares do potencial de suas trajetórias, estimulando assim novas doações de acervos para a instituição.

Em 18 de outubro de 2006, já com um acervo significativo, o museu foi lançado à comunidade, dentro das comemorações do SIMERS referentes ao Dia do Médico daquele ano. O evento de lançamento ocorreu através de uma exposição em um dos *shoppings* da capital, Porto Alegre, pois o museu ainda não contava com uma sede. Todo o trabalho até então vinha sendo realizado no âmbito da Reserva Técnica, onde as doações eram recebidas, higienizadas, documentadas, acondicionadas e armazenadas.

Em 2007, a partir de um convênio com a Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre, o MUHM se instalou no prédio histórico do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre, localizado na Avenida Independência, 270, Centro, Porto Alegre. Essa parceria dinamizou as ações do museu, que a partir de então contaria com um espaço para a realização de exposições e de tantas outras ações voltadas ao público.

Ao longo dos anos, a instituição sempre atuou na preservação da memória médica e da história da saúde do estado. Suas ações centram-se na formação de acervos médicos e da saúde, através de uma contínua campanha de arrecadação de doações que envolve a comunidade. Também faz parte do escopo de trabalho a conservação e a organização desses acervos, bem como a sua comunicação através das exposições e atividades pedagógicas, como demonstramos adiante.

O MUHM consolida uma proposta articulada às diferentes áreas do saber, constituindo-se em um espaço para a ampliação da atuação docente e proporcionando experiências aos alunos e à comunidade em geral. Seu objetivo é construir o conhecimento e ampliar o diálogo sobre memória, patrimônio e história da saúde e da medicina através dos objetos, além de desenvolver atividades lúdico-pedagógicas e culturais.

Ver: WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1999.

O museu como espaço educativo não formal: o programa educacional no Museu de História da Medicina

A partir de meados do século XX, observamos uma retomada significativa da ideia de educação não formal, na qual a escola passa a atuar em parceria com outros agentes educativos a fim de conectar e atender a demandas socioeconômicas, tecnológicas e do mundo do trabalho (Trilla, 2008). Essa abordagem ampliada e integrada da educação reconhece a importância de múltiplos espaços e atores na formação dos sujeitos, indo além dos limites tradicionais da sala de aula. E também incorpora desafios à formação do educador que pode ampliar seu papel de atuação como mediador do conhecimento, já que ações educativas ocorrem em locais diferenciados do sistema educacional tradicional.

A educação não formal possui objetivos semelhantes aos da educação formal, como, por exemplo, a formação do cidadão. No entanto, vai além e apresenta um formato específico através dos espaços em que se desenvolve e por meio da interação prática com a finalidade de construir o conhecimento (Gohn, 2006).

Dessa forma, ampliando a concepção de educação e seus diferentes espaços/tempos, as ações interativas entre os indivíduos se tornam fundamentais para a aquisição de novos saberes. Os sujeitos passam a construir o conhecimento dialogando com outros indivíduos de culturas diferentes em ambientes diversos, englobando aprendizagens para o bem viver e conviver.

Os museus desempenham um papel fundamental como espaço educativo não formal, proporcionando oportunidades diversificadas de aprendizado, descoberta e reflexão que ultrapassam os muros da escola. Para além da proposta cultural, esses espaços oferecem uma variedade de experiências educativas que podem completar e ampliar a formação dos indivíduos.

Ao reconhecer a sua potencialidade como local educativo não formal, que oferece novas práticas de ensinar e aprender, em contextos diferentes, o museu possibilita aos alunos novas experiências, novas abordagens, novos conhecimentos, envolvendo-os em reflexões críticas e práticas socioculturais.

Através das exposições temáticas e do acervo museológico, este tido como o fio condutor ou ponto de partida, é possível que os alunos de escolas retomem questões sobre patrimônio histórico e cultural, além de terem acesso a conteúdos interdisciplinares num mesmo local. Outra característica dos museus encontra-se diretamente ligada aos seus programas educativos que tornam esses locais acessíveis aos diferentes públicos.

Neste trabalho, a proposta é apresentar alguns aspectos do trabalho desenvolvido pelo Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) com relação ao seu programa educacional, através das atividades educativas concebidas pela instituição e oferecidas às escolas e aos seus alunos.

O MUHM concilia a função de instituição museológica e espaço educativo, através de suas exposições e das atividades lúdico-pedagógicas que englobam temas

como educação patrimonial e prevenção para saúde. A interação, através das mediações das exposições, do desenvolvimento de jogos pedagógicos e das contações de história, enriquece a experiência dos alunos, estimula a aprendizagem e a pesquisa, além de promover a interdisciplinaridade e a construção do conhecimento para além do muro da escola. Isso traz à tona uma perspectiva de que essas “outras formas de aprender e ensinar”, e em “novos espaços educativos”, são fundamentais para compreendermos a possibilidade de uma educação emancipatória (Freire, 2016).

Desde 2008, o MUHM propõe ações que buscam articular as diferentes áreas do saber, proporcionando experiências socioculturais para alunos, educadores e comunidade em geral. As atividades educativas são desenvolvidas através dos mediadores, que adaptam a forma como comunicam as exposições, conforme o ano escolar dos alunos. Contextualizam o tema através do acervo museológico e estimulam a reflexão sobre conceitos e conteúdos que os alunos já estudaram. Identificando-se, assim, o perfil e o interesse dos participantes, cria-se uma experiência acessível, personalizada, aproximando as temáticas do seu cotidiano.

Ainda em relação à mediação e ao diálogo com os visitantes, destacamos:

Para ser levada à prática, essa abordagem de comunicação propõe a incorporação de estratégias de participação e envolvimento do público que valorizem, justamente, o que o público sabe e que coloquem esses saberes no mesmo nível que o dos especialistas, na perspectiva de possibilitar um diálogo entre eles (Marandino, 2008, p. 17).

320

É a partir dos mediadores que atuam no Setor Educativo, fazendo o papel de facilitadores do conhecimento, que os visitantes conhecem o espaço do museu e dialogam sobre a temática das exposições, organização, arquitetura, ações educativas e sua função social. Além disso, despertam a curiosidade e aguçam o interesse sobre a história da medicina, da saúde e do patrimônio histórico nos diferentes públicos.

O acervo como ponto de partida: o Museu de História da Medicina (MUHM) como espaço educativo não-formal

Figura 2. Visita mediada ao MUHM



321

Fonte. acervo MUHM.

Essa forma de abordagem acessível também estimula a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento. O museu é um espaço para dialogar e promover a reflexão sobre questões sociais, culturais e históricas, conectando ao entendimento das diferentes perspectivas.

Além das mediações, no MUHM, os alunos também podem aprender brincando, seja através de jogos ou de contações de história. No esforço de desenvolver ações educativas voltadas à educação para o patrimônio e para a saúde, o MUHM planeja, desenvolve e realiza atividades com o auxílio de recursos lúdicos que têm a intenção de facilitar o processo de ensino-aprendizagem e estimular a valorização da memória, da história e do patrimônio cultural (Pomatti, et al., 2021).

O portfólio de ações educativas² do MUHM disponibiliza um leque de atividades, que abordam temas diferentes, como patrimônio, memória, prevenção e

² Atualmente, o MUHM conta com dezenas (16) de atividades educativas, todas elaboradas pela equipe do Setor Educativo: 1. Imagens que falam: recriando a exposição; 2. Do fundo do baú: minha vida é uma peça de museu; 3. As aventuras de Biblos: aprendendo a preservar; 4. Adivinhe o que é?; 5. Um olhar

história da saúde. A cada nova exposição inaugurada pelo MUHM, o Setor Educativo apresenta uma nova proposta pedagógica, que tem a finalidade de dialogar com o público escolar. Cabe salientar que promover o diálogo e o pensamento crítico é atribuição tanto da escola quanto do museu. A parceria entre essas instituições tem como objetivo enriquecer, ilustrar abordagens e enfoques, além de promover a pesquisa em sala de aula, sensibilizando o aluno em relação à relevância do patrimônio e à importância da educação para a saúde.

Apresentamos aqui o exemplo da atividade lúdico-pedagógica “Monte o Joaquim”, que surge como uma proposta de exercitar e ampliar os conhecimentos sobre o corpo humano. Através da montagem de um “esqueleto e dos órgãos do Joaquim”, confeccionado em tecido, espera-se que o aluno (a) possa fazer conexões sobre o tema abordado, no espaço formal de educação, explorando o corpo humano de forma prática, sensorial e criativa, e tornando o aprendizado mais significativo e envolvente.

Essa atividade pedagógica é inspirada no acervo do MUHM, um esqueleto humano, que recebeu, pelo médico³ que o adquiriu para fins de estudos no início do século XX, o nome de Joaquim. Esse acervo é muito admirado e querido pelo público que visita o museu. A aproximação entre o acervo e o público, através de uma atividade educativa, integra diferentes conteúdos e contribui para a conscientização sobre a importância da memória e da identidade cultural.

Esse recurso foi concebido para ser desenvolvido, preferencialmente, com alunos do 8º e do 9º ano do ensino fundamental, mas também pode ser utilizado com alunos dos anos iniciais. O ato de montar o “Joaquim” em tecido proporciona uma experiência sensorial e tátil, permitindo aos alunos explorar texturas e forma dos ossos, assim como a localização destes e dos órgãos do corpo humano.

sobre o objeto; 6. Acerte na mosca!; 7. Acerte no vírus!; 8. Monte o Joaquim; 9. Na trilha da anatomia; 10. Stop anatômico; 11. Todos contra o AEDES!; 12. Uma aventura no Museu de História da Medicina do RS; 13. Na trilha da revolta da vacina; 14. Mito ou verdade sobre tuberculose; 15. O desafio da Grande Guerra; 16. Gente pequena, Grandes sonhos – história de Marie Curie.

³ Dr. Gabriel Schlatter (1865-1947), natural de Lahnbach, na região do Tirol, Áustria. Faleceu em Feliz (RS). Diplomou-se em Medicina Naturalista em 1896, em Berlim. Chegou ao RS em 1898, por influência do Dr. Czermack, e se instalou na região do Vale do Taquari (RS). A convite do intendente Júlio May, transferiu-se para Lajeado (RS). Posteriormente, foi para Estrela (RS) e Feliz (RS), onde construiu um hospital. Especializou-se em cirurgia e obstetrícia e, entre 1905 e 1907, criou um curso de partos na cidade de Estrela (RS), para formação de parteiras. Foi pioneiro, no país, em cirurgias de bório.

Figuras 3. Materiais educativos usados nas visitas mediadas ao MUHM



Fonte. acervo MUHM.

323

Figura 4. Outros materiais educativos usados nas visitas mediadas ao MUHM



Fonte. acervo MUHM.

A atividade estimula o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e criativas dos alunos, incentivando a coordenação motora fina, a concentração, a resolução de problemas e, também, envolve o trabalho em grupo, a comunicação entre os pares. Por meio do “Monte o Joaquim”, a ação pedagógica no museu expande horizontes de forma prática e interativa, e proporciona o despertar da pesquisa, sendo apenas um ponto de partida para a ampliação do conhecimento dos participantes.

Por que utilizamos recursos educativos no MUHM? As exposições e acervos já não são recursos significativos para construir o conhecimento? Fazer uso de atividades lúdico-pedagógicas, como jogos e contações de história, no espaço museal, é fundamental para enriquecer e diversificar a experiência de aprendizagem dos alunos, complementando e ampliando a interação com as temáticas das exposições e dos acervos. Embora as exposições e os acervos sejam recursos importantes, as atividades pedagógicas promovem a interação, estimulam a participação ativa, a curiosidade e potencializam o aprender de forma mais acessível e prática.

Outro exemplo de atividade do MUHM é a contação da história “As aventuras de Biblos: aprendendo a preservar”. Essa atividade vai além da história do personagem, Biblos, fala de sua trajetória enquanto livro e como chegou ao museu. Ela fornece subsídios para que os alunos possam aprender dicas importantes de cuidados com os livros e a importância desse objeto como patrimônio e memória. É uma das atividades pedagógicas mais requisitadas do MUHM. Foi concebida para atender ao público dos anos iniciais do ensino fundamental, preferencialmente do 1º ao 3º ano.

324

Figura 5. Visita realizada em uma escola



Fonte. acervo MUHM.

Essa atividade lúdico-pedagógica integra conteúdos escolares e também traz informações sobre cuidados com os livros, ampliando o conhecimento dos alunos para além da escola, e é realizada tanto no espaço do museu como no espaço da escola.

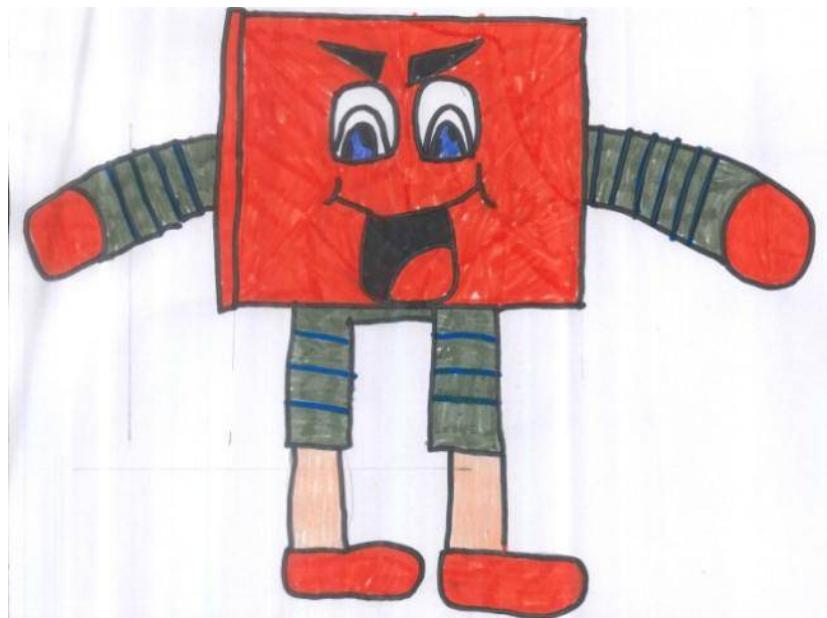
A contação de história é um recurso que promove a interação entre os alunos, a reflexão sobre ações cidadãs, o pensamento crítico, além de estimular a criatividade e a expressão artística, através de uma atividade prática. Após a contação da história, os alunos são convidados a desenhar a parte da narrativa que mais gostaram.

Figura 6. Material produzido após as visitas mediadas



325

Fonte. acervo MUHM.

Figura 7. Material também produzido após as visitas mediadas

Fonte. acervo MUHM.

326

Registrar, através de desenhos, a contação de história representa a valorização da expressão artística que reflete não apenas as habilidades, mas também suas emoções, pensamentos, percepção e experiência com a história. Os traços geram desenhos que traduzem uma compreensão sobre o tema. No caso, pode ser o personagem ou alguma cena que marcou sua memória. Os desenhos também são uma forma de comunicação não verbal que permite às crianças recontarem parte da história, sinalizarem a sua empatia pelo personagem e compartilharem suas experiências de maneira visual e criativa.

Considerações finais

Como se pode perceber através desses exemplos trazidos do MUHM, os espaços dos museus são também educativos e possuem capacidade de auxiliar e ampliar a formação de indivíduos, de permitir a reflexão sobre temas variados, de inspirar a criatividade e de ampliar a visão de mundo através do contato com os objetos e com as exposições.

Os espaços não formais de educação também são um espaço para o docente continuar mediando e construindo o conhecimento, seja com o auxílio das temáticas expositivas, seja com o auxílio dos profissionais educadores que atuam nos museus. Essa parceria conecta conhecimentos e amplia as possibilidades de aprendizagem dos

O acervo como ponto de partida: o Museu de História da Medicina (MUHM) como espaço educativo não-formal

alunos, enriquecendo a experiência educativa e promovendo uma abordagem mais integrada e interdisciplinar.

Referências

- D'ÁVILA, Sthefane; QUADRA, Gabrielle Rabello. Educação não-formal: qual a sua importância? In: **Revista Brasileira de Zoociência**, 17(2), p. 22-27, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 62., ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GOHN, M. G. **Educação não-formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: Ensaio: **Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar., 2006.
- KÜLZER, G. G. L. de L. O papel educativo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: QUEVEDO, É. R.; MOURA, E. R. P. de (Orgs.). **Educação: práticas pedagógicas, aprendizagens e vivências** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022, p. 113.
- MARANDINO, Martha. **Educação em museus**: a mediação em foco. São Paulo: FEUSP, 2008.
- POMATTI, A.; KÜLZER, G. **“Um olhar sobre o objeto”**: exercício para a educação patrimonial no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: QUEVEDO, E.; SOFIATI, A. Práticas e novos repertórios para as infâncias e juventudes. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 13-25.
- REGO, Cristina Teresa. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TRILLA, J. **Educação formal e não formal**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.
- VOLQUIND, L. **O processo de mediação e a construção do conhecimento matemático**: vivência de professores de séries iniciais de uma escola de Porto Alegre. 1999.
- WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar**: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928. Santa Maria: UFSM; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1999.